



galeria

nara

roesler

melanie

smith

fordlandia



fordlandia, 2014 -- still de vídeo/video still -- 29'42"

melanie smith

fordlandia
daniel garza usabiaga

O vídeo *Fordlandia* (2014), de Melanie Smith, relembra um dos poucos projetos malsucedidos do norte-americano Henry Ford: Fordlândia, uma cidade industrial construída na floresta brasileira para extração e processamento em massa de borracha natural. Ainda assim, a Fordlândia pode ser considerada um dos empreendimentos mais significativos de Ford, no sentido de que seu projeto não tinha um caráter meramente industrial e implicava todo um estilo de vida. A Fordlândia foi uma tentativa, por parte de uma corporação industrial, de organizar a vida cotidiana como um todo. Projetado como uma “comunidade modelo”, este complexo industrial, situado numa região remota da Amazônia, mobilizou uma quantidade significativa de pessoas para que pudesse operar. Sendo assim, o projeto passou a ser mais do que uma simples fábrica e propôs uma urbanização total. Construído num terreno intocado e selvagem, o projeto incluía alojamentos, uma usina elétrica, escolas, um hospital, um quartel de bombeiros e creches. Além disso, havia lojas e espaços recreativos que incluíam desde uma piscina até um campo de golfe. Essas características são

evidência de que Fordlândia foi projetada como uma espécie de comunidade corporativa norte-americana transplantada para o interior da selva brasileira.

O caso de Fordlândia comprova o que David Harvey escreveu sobre Ford e seu modo particular de organizar os processos de produção e consumo, conhecido como Fordismo. Como afirma Harvey, este modelo é característico não tanto por sua solução industrial de produção em linha de montagem — apresentada pela primeira vez por F. W. Taylor em seu livro *The Principles of Scientific Management* () —, mas por introduzir a jornada de trabalho de oito horas com um salário atraente. Essa divisão do tempo pressupõe o reconhecimento de que a produção em linha de montagem caminhava lado a lado com o consumo em massa, que requer tempo livre. Harvey observa que Antonio Gramsci foi um dos primeiros a reconhecer as implicações das propostas de Ford em termos de articulação de uma forma particular de vida cotidiana, e cita algumas anotações feitas por Gramsci quando esteve preso pelo regime de Benito Mussolini, ressaltando que o Fordismo foi

“um dos maiores esforços coletivos já empreendidos para criar, com velocidade inédita e clareza de propósito nunca vistas , um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem”. Os métodos de trabalho subjacentes à proposta de Ford eram “inseparáveis de um modo específico de viver, pensar e sentir a vida”. Em sua tentativa de criar uma “comunidade modelo”, Fordlândia é um exemplo típico dessa realização indicada por Gramsci e contida no modelo de produção proposto por Ford.

Após fundar a Ford Motor Company (1908), apresentar o automóvel Modelo T (1908) e desenvolver o sistema de produção baseado na linha de montagem (1913), Ford concentrou-se num processo de motorização acelerada dos EUA que, ao final da década de 1920, somava mais de 15 milhões de automóveis vendidos. Esse processo transformou a vida cotidiana, a começar pela fábrica urbana de Ford e a paisagem. Durante esse período, quilômetros de ruas, avenidas e estradas foram construídas. Esse fenômeno de motorização nascente, em grande parte ocasionado por Ford, não foi exclusividade dos EUA. A expansão internacional da corporação de Ford também não encontrou obstáculos. Naquela mesma década, a companhia tinha distribuidoras nos cinco continentes, em países como Austrália, Índia, Alemanha e Canadá. Um exemplo do interesse de Ford na expansão internacional foi o convite que recebeu em 1929 de Josef Stalin para desenvolver uma empresa em cooperação com a União Soviética. Ford, cuja inventividade também foi celebrada em mais de uma ocasião por Vladimir Lenin, ajudou a fazer da Gorky Automobile Plant (GAZ) uma parte bem sucedida dos planos de industrialização da URSS.

O caso de Fordlândia, que surgiu quase que simultaneamente à GAZ, demonstra a rápida expansão internacional da corporação, não no sentido do consumo ou do investimento e sim no da produção. Fordlândia foi uma comunidade modelo cujo objetivo final era a produção industrial de borracha natural para a fabricação de pneus. Foi também uma tentativa de Ford de reduzir custos e eliminar intermediários do processo de produção de seus veículos: fornecedores britânicos haviam transplantado uma árvore originária do Brasil (*Hevea brasiliensis*) para o Sudeste Asiático, onde ela poderia crescer e se desenvolver sem a ameaça das pragas endêmicas da Amazônia. Ford negociou com o governo

brasileiro a concessão de um terreno de 10.000 km2 às margens do Rio Tapajós, onde pôde construir sua recém inaugurada Companhia Industrial do Brasil e em seguida começar a cultivar e transportar as árvores. Mas essas plantas haviam sido modificadas pelo industrialista norte-americano. Ford instalou um laboratório em Fordlândia para tornar a *Hevea brasiliensis* mais resistente a pragas e predadores naturais, no que pode ser considerado um dos primeiros casos de engenharia genética. Esta pode ser tida como uma das primeiras manifestações de uma postura constantemente adotada em Fordlândia: o desejo de controlar e dominar totalmente os processos naturais por meio de soluções industriais e da racionalidade técnica.

Outra manifestação desta postura, e talvez a mais explícita, foi a urbanização dos terrenos de Fordlândia, que implicou no desmatamento de uma área enorme para que fossem construídas fábricas, casas, hospitais e escolas. Ford organizou sua “comunidade modelo” seguindo o padrão da cidade-jardim, que é uma espécie de antecessora do estilo de vida rural associado aos subúrbios norte-americanos do pós-guerra. Como não poderia deixar de ser, a área residencial foi preenchida com casas que seguiam uma fórmula de espaço habitacional proveniente dos EUA. Talvez o elemento mais conspicuo deste modelo seja o quintal frontal com grama aparada e arranjos de plantas e flores. Este detalhe ornamental das casas é mais uma evidência do controle que Ford buscava exercer sobre a natureza. Os quintais em frente às casas eram cuidados constantemente, enquanto a floresta crescia livremente em torno de Fordlândia. Esta imagem mostra a contradição entre o desejo de controlar a natureza e a impossibilidade, às vezes total, de fazê-lo.

Ford não trouxe apenas modelos habitacionais dos EUA. Num esforço descomunal, num gesto que poderia trazer à mente o filme *Fitzcarraldo* (1982), de Werner Herzog, ele também exportou todo o maquinário para movimentar a infraestrutura industrial de Fordlândia, com o intuito de produzir borracha rapidamente. Do mesmo modo, Ford implantou sua visão particular de gestão do trabalho em Fordlândia. Desde que fundou sua própria companhia em 1903, Ford acreditava que o melhor funcionamento de seu empreendimento demandava sua intervenção sobre a conduta



1 Antonio Gramsci, citado em David Harvey, The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change (A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa Sobre As Origens da Mudança Cultural), Oxford: Blackwell, 1990, pp. 125–127.

fordlandia VIII, 2014 -- esmalte acrílico sobre acrílico/acrylic enamel on acrylic -- 150 x 180 cm



fordlandia, 2014 -- still de vídeo/video still -- 29'42"



fordlandia, 2014 -- still de vídeo/video still -- 29'42"

de seus operários e dos espaços em que viviam. Por exemplo, ele desestimulava o consumo do álcool e almejava um novo padrão de higiene, para prevenir doenças que resultariam em prejuízos financeiros. Com o tempo, a companhia de Ford passou a chamar esta abordagem de “administração científica”, uma extensão da atenção que ele dispensava a seus produtos (os automóveis) no processo de produção industrial.

Fordlândia tinha seus próprios padrões de “administração científica”. As casas dos operários, por exemplo, tinham um projeto moderno inspirado no modelo da habitação minimalista, com correntes de ventilação e espaços que permitiam o fluxo de ar. As crianças de Fordlândia, por sua vez, continuavam suas atividades educacionais e recreativas após saírem da escola na creche, um espaço projetado para que os pais não se distraíssem do trabalho, onde as crianças recebiam “refeições cientificamente balanceadas”. Com uma educação específica e até uma dieta, Ford preparava aquelas que seriam, segundo seus cálculos iniciais, as futuras gerações de operários de Fordlândia. A Ford Company demonstrou essas medidas de “administração científica”, e o projeto de Fordlândia como um todo, quase como um processo civilizatório no documentário *The Amazon Awakens* (A Amazônia Desperta, 1944). Este curta-metragem, a comunidade modelo é apresentada como uma espécie de paraíso na terra; um tipo de arcadia, uma utopia onde homem e natureza vivem em absoluta harmonia. No documentário, o dia a dia em Fordlândia parece imaculadamente organizado à total perfeição.² Esse documento audiovisual torna clara a imagem do homem moderno que Ford almejava ser e que, para ele, era o exemplo a ser seguido: o empresário capaz de negociar diretamente com uma nação-estado (sem interferência de intermediários ou ideologias) e implantar e garantir uma ordem social que siga a lógica do capital.

Embora, em 1944, Ford tenha celebrado o projeto de Fordlândia pela imagem cinematográfica, a realidade do local era muito distante da aparência idílica retratada no documentário. A criação de Fordlândia não foi simples, e ilustra a hipótese de Harvey para o fato de que o Fordismo só veio a funcionar totalmente no período do pós-guerra. Antes disso, segundo o autor, o modelo de Ford encontrou obstáculos que não garantiam um processo de produção

eficiente e à altura de sua visão e regras. Um destes obstáculos foi a rejeição, por parte dos operários, do modelo de produção em linha de montagem. A relação de Ford com os operários era ainda mais problemática devido à sua abordagem paternalista e declaradamente hostil à organização independente na forma de sindicatos. No decorrer da história de sua empresa, isto levou Ford a ser caracterizado como tendo um relacionamento nada tranquilo com seus operários. Fordlândia não foi exceção. Em 1930, o local foi palco de sua primeira greve geral, debelada com a ajuda das forças de segurança brasileiras. De acordo com Harvey, além das relações trabalhistas, outro fator que impediu o pleno funcionamento do Fordismo no período entre-guerras foi a utilização, no processo de produção, de soluções industriais que empregavam métodos ainda manuais ou fortemente artesanais.³ Em Fordlândia, um perfeito exemplo disso foi o cultivo da seringueira, principalmente o processo de extração do látex. O vídeo de Smith ilustra o processo: o córtex da árvore recebe sulcos feitos manualmente até que o látex líquido começa a escorrer por eles. Embora os projetos de engenharia genética de Ford tenham procurado criar “super seringueiras”, como foram descritas no documentário de 1944, seu crescimento, sua oferta inesgotável de látex e a rapidez do processo de extração eram fatores que não podiam ser previstos ou controlados. As árvores também não eram imunes às pragas regionais, como se esperava. Esses fatores não só comprovam os argumentos apresentados por Harvey para explicar o sucesso apenas parcial do Fordismo no pós-guerra; eles foram também as causas do fracasso de Fordlândia enquanto empreitada. O que põe em xeque o poder de exercer controle total sobre a natureza, que fora atribuído à razão instrumental.

O caráter instável de Fordlândia, atacada pelas incontrolláveis forças da natureza, recebeu seu golpe de misericórdia com a chegada do látex sintético, aprimorado mais ou menos na mesma época em que Ford exibiu seu projeto num documentário com pouco mais de três minutos de duração. Após a invasão do Japão Imperial às colônias britânicas do Sudeste Asiático durante a Segunda Guerra Mundial, os EUA mobilizaram sua indústria para encontrar um substituto para a borracha natural. No início da década de 1940, graças ao trabalho do cientista Waldo Semon,

² Nas décadas de 1930 e 1940s, Ford comissionou vários filmes para promover as virtudes de sua empresa. Em 1940, por exemplo, produziu um documentário de curtametragem, *Symphony in F*, que apresentava o processo de linha de montagem ao som de música e assim o estetizava. A promoção da Ford Motor Company não se limitou aos filmes. Em 1932, Ford comissionou Diego Rivera para pintar o mural *Detroit Industry*. Como é bem sabido, este mural também foi criticado por representar idilicamente as vidas dos operários da indústria de Ford.



fordlandia, 2014 -- still de vídeo/video still -- 29'42"

a companhia B. F. Goodrich conseguiu consolidar o produto conhecido como Ameripol – um precursor do polímero com o qual todos os pneus passariam a ser fabricados após a guerra. Ford não sabia dessa descoberta, nem do cenário que ela delineava para o futuro: o pós-guerra enquanto uma era de produtos petrolíferos de baixo custo, feitos de polímeros, que tornariam muitos materiais naturais (como a borracha) praticamente obsoletos. Com esse cenário como pano de fundo, além dos problemas naturais ocorridos no território de Fordlândia, Ford foi forçado a vender sua comunidade-modelo ao governo brasileiro por um baixo preço em 1945. Devido à sua localização remota, o Estado brasileiro nunca utilizou as construções e Fordlândia foi gradualmente abandonada até se transformar nas ruínas que a constituem hoje.

Além das ruínas

Desde suas primeiras cenas, o vídeo *Fordlândia*, de Melanie Smith, torna evidente a localização remota do complexo industrial erigido por Henry Ford por volta de 1928. Para chegar ao local, é preciso sobrevoar a selva e navegar o rio. Essa condição geográfica, como mencionado acima, ocasionou o completo desinteresse do governo brasileiro na propriedade após sua aquisição em 1945. Isso também explica, em parte, por que Ford nunca a visitou. A dinâmica econômica do pós-guerra, fortemente marcada pelo modelo do Fordismo em escala mundial, o impossibilitava de colocar todo o maquinário em funcionamento novamente. O surgimento do látex sintético havia tornado a matéria-prima natural obsoleta, principalmente para processos industriais em grande escala. Além da indústria do petróleo e derivados, Harvey observa, o choque entre os processos de produção industriais e manuais próprios do Fordismo no período entre-guerras também fora superado. A criação dos polímeros, principalmente no que diz respeito à fabricação de automóveis, acelerou o processo de produção, tornando-o mais eficiente e econômico. Considerando-se esse contexto, não é de se surpreender que, com o tempo, Fordlândia se transformaria nas ruínas de um projeto industrial e comunidade-modelo fracassados. A natureza, que Ford sempre tentou controlar, reconquistou seu terreno e danificou irreparavelmente as construções.

3 Harvey, op. cit., pp. 127-129.

Ao concentrar-se em ruínas situadas numa paisagem remota e quase inacessível, o vídeo *Fordlândia* lembra um projeto anterior de Smith:

Xilitla (2010). Ford e Edward James compartilhavam de um entusiasmo pela construção de projetos arquitetônicos de grande porte em locais remotos e inacessíveis. Ford construiu um complexo industrial e uma comunidade adjacente na selva amazônica, enquanto James optou por um criativo jardim escultural na Sierra Huasteca, no estado de San Luis Potosí, no México. Além desse entusiasmo, no entanto, há poucos aspectos em comum entre as figuras de Ford e James e seus respectivos projetos. Situado na comunidade de Xilitla, Laz Pozas foi um projeto estético de James para o qual transplantou o modelo do jardim inglês ou pitoresco para um terreno tropical na Huasteca, onde erigiu, na forma de esculturas de concreto, uma série de intervenções arquitetônicas (conhecidas como “follies”) inspiradas no imaginário surrealista (das pinturas de Leonora Carrington às fotos de plantas e flores de Karl Blossfeldt). Sua empreitada, em termos produtivos, se resumia aos gastos. Não só no dispêndio dos recursos financeiros necessários à construção de um conjunto de estruturas que, em última instância, não possuem função econômica alguma, mas também nas atividades abrigadas e orquestradas pelo jardim escultural: recreação, relaxamento e surpresa. Nesses termos, o projeto de Ford representou algo radicalmente diferente. Tudo em Fordlândia foi construído para aumentar a produtividade: indústrias, engenharia social aplicada à comunidade-modelo e engenharia genética aplicada ao domínio da natureza. A Fordlândia seguiu um projeto estético evidente, mas também encapsulou um plano psicológico, bem como uma política e uma administração do trabalho, ou seja, um novo estilo de vida completo. Outra diferença: James queria que suas intervenções esculturais fossem devoradas pela natureza, e assim articulassem a aparência arcaica e atemporal das ruínas. Ford, como foi dito anteriormente, controlou o avanço da natureza a todo custo: ele fez experimentos com a produção de novas variedades de plantas, aventurou-se a urbanizar um fragmento da selva e até exigiu rigorosas medidas paisagísticas em sua comunidade. Seu controle da natureza, como mencionado antes, era reproduzido nos indivíduos. Sua posição corrobora o que

Max Horkheimer e Theodor Adorno escreveram em sua *Dialética do Esclarecimento* (1944) sobre a razão instrumental, que emoldura o desenvolvimento da modernidade capitalista, pela qual o domínio do homem sobre a natureza é facilmente estendido ao domínio sobre outros homens.⁴

Em *Xilitla*, Smith explicita seu interesse num olhar oblíquo que surge e, pela utilização de um espelho, nos permite ver além da imagem circunscrita pelo enquadramento da câmera — uma estratégia empregada nas fotografias surrealistas e que pode ser vista em algumas das fotos de Brassai, como *Mirrored Wardrobe in a Brothel*, *rue Quincampoix* (ca. 1932) ou *Bijou in the Bar de la Lune* (1933).⁵ No vídeo de Smith, um grupo de indivíduos carrega um espelho grande, sem direção aparente, pelas sinuosas vias ascendentes e descendentes de Las Pozas. Nessas cenas, o espelho permite que sejam vistos fragmentos de imagens incomuns que simplesmente estão fora do enquadramento; o espelho ajuda a articular uma paisagem delirante que é vista parcialmente. Ainda assim, a atividade dos operários nesse vídeo pode ser compreendida como uma crítica ao árduo processo de produção implicado na construção desse local, erigido à mão com concreto num local de difícil acesso. O caso de Fordlândia inclui uma crítica parecida, porém mais abrangente. As ruínas de Fordlândia nos dias atuais são apresentadas nesse vídeo sem qualquer vestígio de melancolia que implicaria a saudade de um tempo perdido e presumidamente melhor em algum aspecto. A ruína, nesse caso, representa a derrocada de todo um sistema de produção e consumo que foi posto à prova e posteriormente desmoronou neste local entre 1928 e 1945. Esse sistema é o Fordismo enquanto forma de capitalismo corporativo anterior ao período do pós-guerra — um momento no qual essa visão particular da produção e do consumo se consolidou em grande parte do mundo, como a única via para o desenvolvimento econômico e o progresso modernizante.

Como mostra o vídeo de Smith, as condições de produção do pós-guerra, com uma nova indústria dedicada à fabricação de polímeros à base de petróleo, não foram a principal causa do colapso de Fordlândia, e sim as forças naturais que Ford sempre procurou controlar. Um indicativo disso são as imagens de animais

que ressurgem constantemente em Fordlândia, de predadores que vão de um crocodilo a um mosquito – e que poderiam muito bem servir como uma representação pontual de uma epidemia. A empreitada de Ford fracassou principalmente por essas razões: doenças transmitidas por insetos, predadores naturais, pragas que atacaram as árvores modificadas em laboratório. É a inversão da lógica instrumental da modernidade que o trabalho de Smith parece destacar: Fordlândia enquanto experiência fracassada com um modelo rudimentar de capitalismo corporativo transnacional subjugado pela força da natureza. Os detritos industriais que, Smith registra em seu vídeo, são prova do colapso deste modelo: carros norte-americanos, velhos e inutilizados, abandonados no local, maquinário trazido dos Estados Unidos e irreparavelmente danificados pelas condições do tempo, arquitetura industrial arruinada. A cena do vídeo que mostra um homem usando uma das máquinas do complexo industrial para produzir um objeto de modo praticamente artesanal exemplifica perfeitamente a inversão sofrida pelo projeto de Ford após chocar-se com a natureza.

4 Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, Dialectic of Enlightenment (Dialética do Esclarecimento), Londres, Verso, 1997, p. 110.

5 Rosalind Krauss, “The Photographic Conditions of Surrealism” (As Condições Fotográficas do Surrealismo), in The Originality of the Avant-Garde and Other Modernist Myths (A Originalidade da Vanguarda e Outros Mitos Modernistas), Cambridge, The MIT Press, 2002, pp. 87-118.



fordlandia, 2014 -- still de video/video still -- 29'42"

melanie smith

fordlandia
daniel garza usabiaga

Melanie Smith's video *Fordlandia*(2014), revisits one of the few failed projects to have been undertaken by the North American Henry Ford: Fordlandia, an industrial city built in the Brazilian jungle designed for the mass extraction and processing of natural rubber. Fordlandia may nevertheless be seen as one of Ford's most significant enterprises, in the sense that its project was not merely of an industrial character, but an entire lifestyle. Fordlandia was an exercise in how an industrial corporation could organize everyday life as a whole. Conceived as a "model community," this industrial complex, situated in a remote point of the Amazon, required a significant movement of people in order for it to operate. With this aim, the project went beyond a simple factory; it proposed a total urbanization. Built in the middle of wild and savage terrain, it comprised living quarters, an energy plant, schools, a hospital, a fire station, and nursery schools. Furthermore, it also included shops and recreational spaces, from a pool to a golf course. These characteristics are evidence that Fordlandia was modeled after a kind of U.S. corporate community transplanted to the Brazilian jungle.

The case of Fordlandia proves what David Harvey has written about Ford and his particular organization of the processes of production and consumption, known as Fordism. As Harvey indicates, what makes this model characteristic

is not so much the industrial solution of assembly line production—developed first by F. W. Taylor in his book *The Principles of Scientific Management* (1911)—but the introduction of the eight hour workday with an attractive salary. This division of time presupposes the recognition that assembly line production went hand in hand with mass consumption, for which free time is needed. Harvey remembers Antonio Gramsci as one of the first to recognize the implications of Ford's proposals in terms of articulating a particular form of everyday life and, citing some of his notes written while he was in prison under Benito Mussolini's regime, he underlines how Fordism was "one of the biggest collective efforts to date to create, with unprecedented speed, and with a consciousness of purpose unmatched in history, a new type of worker and a new type of man." The methods of work behind Ford's proposal were "inseparable from a specific mode of living and of thinking and feeling life." In its attempt to create a "model community," Fordlandia is a fitting example, with this achievement indicated by Gramsci, contained in the proposal of Ford's model of production.

After the foundation of the Ford Motor Company (1908), the introduction of the Model T car (1908) and the development of the system of production based on the assembly line (1913), Ford settled on an accelerated process of motorization in the U.S. that, toward the end of the 1920s, added up to



fordlandia, 2014 -- still de video/video still -- 29'42"

1 Antonio Gramsci, quoted in David Harvey, The Condition of Postmoder- nity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change, Oxford: Blackwell, 1990, pp. 125-127.



fordlandia VIII, 2014 -- esmalte acrílico sobre acrílico/acrylic enamel on acrylic -- 150 x 180 cm

² During the 1930s and 1940s, Ford commissioned several films to promote the virtues of his business. In 1940, for example, he produced a short documentary, *Symphony in F*, in which the assembly line process was put to music and thereby aestheticized. The promotion of the Ford Motor Company was not limited to films. In 1932, Ford commissioned Diego Rivera to paint the mural *Detroit Industry*. As is well known, this mural has also been criticized for idyllically representing workers' lives in Ford's industry.

more than 15 million automobiles sold. This process transformed everyday life, beginning with his urban factory and the landscape. During this period, miles of streets, avenues and highways were constructed. This phenomenon of nascent motorization, largely due to Ford, was not exclusive to the U.S. The international expansion of his corporation was also unobstructed. In that same decade, the company had distributors on the five continents, in countries like Australia, India, Germany, and Canada. One case that demonstrates his interest in expanding his market internationally is the invitation extended to him in 1929 by Joseph Stalin to develop a business in cooperation with the Soviet Union. Ford, whose inventiveness was also celebrated on more than one occasion by Vladimir Lenin, helped make the Gorky Automobile Plant (GAZ) a successful part of the USSR's plans for industrialization.

The case of Fordlandia, begun practically at the same time as nnaz, demonstrates the corporation's swift international expansion, not toward consumption or investment, but rather toward production. Fordlandia was a model community whose ultimate intention was the industrial production of natural rubber with which to make tires. It was also a gamble on Ford's part, aimed at reducing costs and eliminating intermediaries in the process of producing his vehicles: basically, English rubber suppliers who had previously transplanted a tree native to Brazil (*Hevea brasiliensis*) to Southeast Asia, where it could grow and be developed without the threat of plagues endemic to the Amazon. Ford negotiated a concession from the Brazilian government for a plot of 10,000 square kilometers on the banks of the Tapajós River, where he would build his recently created Companhia Industrial do Brasil, and then begun the cultivation and transport of trees. These plants had nevertheless been modified by the North American man of industry. Ford installed a laboratory in Fordlandia to make *Hevea brasiliensis* more resistant to plagues and natural predators, in what might be called an early version of genetic engineering. This can be seen as one of the first manifestations of a constant posture taken in Fordlandia: the desire to totally control and dominate natural processes through industrial solutions and technical rationality.

Another manifestation of this posture, perhaps the bluntest, was the urbanization of the grounds at Fordlandia, which involved a massive deforestation to erect manufacturing spaces, housing, and medical and educational buildings. Ford organized his "model community" on the pattern of the garden city, which is no more than a sort of antecedent of the country lifestyle associated with the postwar U.S. suburb. Unable to be otherwise, the housing area was filled with houses following a formula of living space that originated from the U.S. Perhaps the most conspicuous element of this model was the presence of front lawns, with trimmed grass and arrangements of plants and flowers. This ornamental detail of the houses is further evidence of the control Ford sought to exercise over nature. The houses' front lawns were constantly maintained while, outside

the grounds of Fordlandia, the jungle was overgrown. This image shows the contradiction between the desire to control nature and the inability to do so, sometimes at all.

Ford transported more from the U.S. than models of habitation. With a titanic effort, in a gesture that might bring to mind Werner Herzog's film *Fitzcarraldo* (1982), he also exported all the machinery for moving the industrial framework of Fordlandia with the aim of rapidly producing rubber. In the same way, Ford implanted his particular vision about labor management in Fordlandia. Since founding his own company in 1903, Ford had felt that the optimal functioning of his labor enterprise required his intervention in the conduct and the living spaces of his workers. For example, he discouraged the consumption of alcohol, and sought a new standard of hygiene with the aim of avoiding illnesses that would translate into economic losses. With time, Ford's company called this focus on labor "scientific management," an extension of the attention he gave to his products (the automobiles) in the process of industrial production.

Fordlandia had its own standards of "scientific management." The houses of the laborers, for example, had a modern floor plan inspired by the model of the minimal dwelling with ventilation currents and spaces that would enable airflow. The children of Fordlandia, on the other hand, continued the day's education and recreation after getting out of school in the nursery, a space designed so as not to distract parents from their labor activities and where they received "scientifically balanced meals." By means of a particular education and even a diet, Ford prepared those who would be, according to his initial calculations, Fordlandia's future generations of workers. The Ford Company portrayed these measures of "scientific management," as well as of the project of Fordlandia as a whole, almost like a civilizing process in the documentary *The Amazon Awakens* (1944). In this short film, the model community is presented as a sort of paradise on earth; a sort of arcadia, properly so called, a utopia where man and nature live in absolute harmony. In the documentary, everyday life in Fordlandia would seem to be flawlessly organized to total perfection.² This audiovisual document makes clear the image of the modern man that Ford desired to be, and that, from his perspective, was the example to follow: the man of business who can negotiate directly with a nation state (without the interference of intermediaries or ideologies), as well as implanting and guaranteeing a social order in accordance with the logic of capital.

Although in 1944 Ford celebrated the Fordlandia project through the cinematic image, reality on site was far removed from the idyllic appearance portrayed in the documentary. Fordlandia's establishment was not simple, and serves as a case that supports Harvey's hypotheses about why Fordism did not work in full until the postwar period. Prior to that historical moment, according to the author, Ford's model ran up against impediments that did not guarantee a process of efficient production in accordance with his vision and rules. One

of these was workers' rejection of the assembly line model of production. In Ford's case, his relationship to workers was problematized even further through his paternalistic approach, which was, at the same time, openly hostile to independent organization in the form of unions. Over the course of his business's history, this meant that Ford would be characterized as having relations with his workers that were far from easygoing. Fordlandia was no exception. In 1930 it underwent its first general strike, which was broken with the help of Brazilian security forces. According to Harvey, in addition to labor relations, another factor that impeded the full functioning of Fordism in the interwar years was finding, in the process of production, industrial solutions using methods that were still manual or strongly artisanal.³ In Fordlandia, this is perfectly represented in the cultivation of the rubber tree, above all in the process of extracting latex from it. Smith's video illustrates this process: the cortex of the tree is manually scored with grooves until liquid latex begins coursing through them. Although Ford's genetic engineering projects sought to create "super rubber trees," as they were described in the 1944 documentary, their growth, inexhaustible supply of latex and speed in the process of extraction were factors that could neither be foreseen nor controlled. Nor were these trees immune to local plagues, as had been hoped. These factors not only show the points indicated by Harvey to explain Fordism's lack of total success before the postwar period; they are also key reasons that led Fordlandia, as a business, to fail. Its failure throws in doubt the power to exercise total control over nature that was attributed to instrumental reason.

The unstable state of Fordlandia, assailed by the uncontrollable forces of nature, received its coup de grâce with the arrival of synthetic latex, perfected around the same time that Ford was showing off his project in a documentary lasting a little over three minutes. After imperial Japan invaded the British colonies in Southeast Asia during the Second World War, the U.S. mobilized its local industries toward finding a substitute for natural rubber. In the early 1940s, thanks to the work of the scientist Waldo Semon, the B. F. Goodrich Company was able to consolidate the product known as Ameripol – an antecedent of the polymer from which all tires would be made after the war. Ford was not unaware of this discovery, nor of the scenario it bade for the future: the postwar as an era of the oil industry with low cost products made from polymers and thus during which many natural materials (like rubber) would become practically obsolete. With this scenario as a backdrop, in addition to the natural problems experienced on the grounds of Fordlandia, Ford was obliged to sell his model community to the Brazilian government at a low cost in 1945. Because of its remote location, the Brazilian state never used its buildings, and Fordlandia was gradually abandoned to become the ruins it is today.

Beyond the ruins

From its first images, Melanie Smith's Fordlandia makes evident the remoteness of the location of the industrial complex erected by Henry Ford around 1928. To reach the site one has to fly over the jungle, as well as navigate through the river. This geographical condition, as mentioned above, was what led to the Brazilian government's total disinterest in Fordlandia after acquiring it in 1945. It could also explain, in part, why Ford never visited it. The economic dynamics of the postwar period, strongly marked by the model of Fordism at a global scale, were incapable of getting his machinery going all over again. The appearance of synthetic latex had succeeded in making the natural raw material obsolete, especially as regards to large industrial processes. Along with the oil industry and its derivatives, Harvey observes, the clash between industrial and manual processes in production proper to Fordism during the interwar period was also overcome. The creation of polymers, especially as concerned the manufacture of automobiles, accelerated the process of production, making it more efficient and economical. With this context in mind, it is not surprising that Fordlandia would be transformed over time into the ruins of a failed industrial project and model community. Nature, which Ford always tried to control, regained its land and irreparably damaged the constructions.

Focusing on ruins situated in a remote and barely accessible landscape, Fordlandia could recall another, earlier project of Smith's:

Xilitla (2010). Ford and Edward James shared an enthusiasm for building large scale architectural projects located in remote, inaccessible locales. The former constructed an industrial complex and an adjacent community in the Amazon jungle, while the latter opted for an imaginatively conceived sculpture garden in the Sierra Huasteca, in the state of San Luis Potosí, Mexico. Beyond this enthusiasm, however, there is little in common between the figures of Ford and James, or between their respective projects. Laz Pozas, located in the community of Xilitla, was an aesthetic project of James's for which he transplanted the model of the English garden or the picturesque garden to a tropical grounds in the Huasteca, where he constructed, through concrete sculptures, a series of architectural interventions (known as "follies" of garden design) inspired by the imaginary of surrealism (from the painting of Leonora Carrington to the photographs of plants and flowers taken by Karl Blossfeldt). His enterprise, in productive terms, amounted to pure expenditure. This not only refers to the outpouring of economic resources necessary to construct a set of structures that, ultimately, have no economic function whatsoever, but also to the activities that the sculpture garden frames and orchestrates: recreation, relaxation, and amazement. In these terms, Ford's project represented something radically different. Everything in Fordlandia was constructed to enhance productivity: industries, social engineering applied to the model community, and genetic

engineering applied to the domain of nature. Fordlandia obviously followed an aesthetic design, but it also encapsulated a psychological plan, as well as a politics and an administration of labor; i.e., a new lifestyle in its entirety. Another difference: James was eager for his sculptural interventions to be devoured by nature, thereby articulating the archaic and timeless appearance characteristic of ruins. Ford, as mentioned earlier, controlled nature's advance at all costs: he experimented with the production of new varieties of plants, he ventured to urbanize a fragment of the jungle and he even demanded strict landscaping measures within his community. His control over nature, as also mentioned earlier, was reproduced on individuals. His position supports what Max Horkheimer and Theodor Adorno wrote in their *Dialectic of Enlightenment* (1944) about instrumental reason, which frames the development of capitalist modernity, whereby man's domination over nature is easily extended to domination over other men.⁴

In Xilitla, Smith makes explicit her interest in an oblique gaze that appears, and which, through the use of a mirror, allows us to see beyond the image circumscribed by the framing of the camera—a strategy that is at work in surrealist photography, as can be seen in some of Brassai's photos, such as *Mirrored Wardrobe in a Brothel, rue Quincampoix* (ca. 1932) or *Bijou in the Bar de la Lune* (1933).⁵ In Smith's video, a group of individuals, with no apparent direction, transports a large mirror through the sinuous, ascending and descending pathways of Las Pozas. In these scenes, the mirror allows fragments of unusual images to be seen, which are simply out of the frame; the mirror aids in the articulation of a delirious landscape that is seen in part. The workers' activity in this video can nevertheless be seen as a critical commentary on the arduous process of production that was involved in the construction of this site, built by hand using concrete in a place that is difficult to access. The case of Fordlandia includes a similar, albeit broader critique. The ruins of Fordlandia today are presented in this video without a trace of melancholy that would imply a longing for a lost time that is assumed to be better, in any way. The ruin, in this case, represents the fall of an entire system of production and consumption that was put to the test and subsequently collapsed on this site between 1928 and 1945. This system is that of Fordism as a form of corporate capitalism prior to the postwar period—a moment when this particular vision of production and consumption was consolidated in a large part of the world as the only avenue for economic development and modernizing progress.

The collapse of Fordlandia, as it is expounded in Smith's video, did not owe principally to postwar conditions of production with a new industry dedicated to the manufacture of petroleum based polymers, but rather to the natural forces that Ford always sought to control. An index of this is to be found in the images of animals that recur constantly in Fordlandia, predators ranging from a crocodile

to a mosquito – which could well serve as a pointed representation of epidemic. Ford's enterprise declined basically for these reasons: illnesses resulting from insects, natural predators, plagues that attacked his laboratory modified trees. It is this reversal of the instrumental logic of modernity that Smith's work seems to underscore: Fordlandia as a failed experiment in early corporate, transnational capitalism that went under from the vital force of nature. The industrial detritus that Smith records in her video is proof of the collapse of this model: old, unusable, U.S. brand automobiles left abandoned at the site, machinery brought from North America and irreparably damaged by the conditions of time, industrial architecture fallen into ruin. The scene in the video showing a man using one of the machines of the industrial complex to make an object in a practically artisanal way perfectly exemplifies the reversal suffered by Ford's project after its clash with nature.

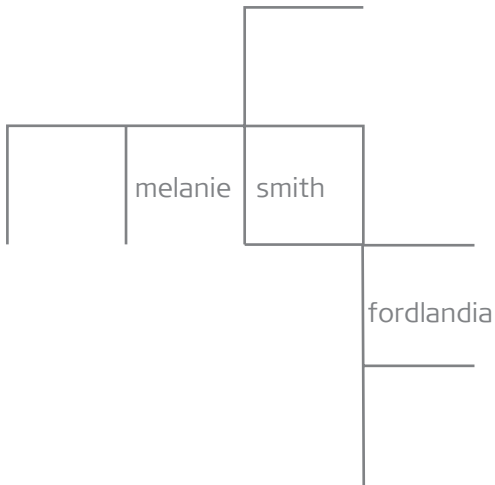
³ Harvey, *op. cit.*, pp. 127-129.

⁴ Max Horkheimer and Theodor W. Adorno, *Dialectic of Enlightenment*, London, Verso, 1997, p. 110.

⁵ Rosalind Krauss, "The Photographic Conditions of Surrealism," in *The Originality of the Avant-Garde and Other Modernist Myths*, Cambridge, The MIT Press, 2002, pp. 87-118.



fordlandia, 2014 -- still de vídeo/video still -- 29'42"



(capa/cover) **fordlandia IV**, 2014 -- esmalte
acrílico sobre acrílico/acrylic enamel on acrylic --
150 x 180 cm

texto/text

daniel garza usabiaga

tradutor/english version

gabriel blum

revisão/proofreading

marcia macedo

realização/produced by

galeria nara roesler

galeria nara roesler

são paulo

avenida europa 655

jardim europa 01449-001

abertura/opening

18.11.2014

19 > 22h

exposição/exhibition

19.11 > 01.12.2015

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h

